

Aspectos da migração climática em *A Parábola do Semeador* e *The New Wilderness*

Aspects of climate migration in Parable of the Sower and The New Wilderness

Anderson Gomes*

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar como os romances *A Parábola do Semeador* (1993), de Octavia Butler, e *The New Wilderness* (2020), de Diane Cook, revelam, questionam e iluminam aspectos do fenômeno conhecido como migração climática. O presente estudo considerará duas perspectivas: primeiramente, a relação entre o colapso ambiental e uma moldura referencial econômica baseada em uma ideia de progresso, e como isso leva ao deslocamento de populações; e, em segundo lugar, a reconfiguração de relações sociais e organização política considerando o movimento físico de pessoas (por meio da migração) face ao movimento simbólico da história (ações humanas dependentes de mudanças históricas da natureza). Sendo assim, este trabalho pretende mostrar como *A Parábola do Semeador* e *The New Wilderness* abrem possibilidades de interpretar a migração climática sob pontos de vistas sociais, políticos e históricos.

Palavras-chave

Clima. Migração. Antropoceno.

Abstract

This article aims to investigate how the novels *Parable of the Sower* (1993) by Octavia Butler, and *The New Wilderness* (2020), by Diane Cook, reveal, question, and illuminate aspects of the phenomenon known as climate migration. The present study will consider two perspectives: first, the relation between the environmental collapse and an economic frame of reference based upon an idea of progress, and how this leads to the displacement of populations; and secondly, the reconfiguration of social bonds and political organization considering the physical movement of people (through migration) vis-à-vis the symbolic movement of history (human's actions dependence on nature's historical change). Thus, this work intends to show how both *Parable of the Sower* and *The New Wilderness* open possibilities to better interpret climate migration under social, political, and historical views.

* Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Keywords

Climate. Migration. Anthropocene.

A crise climática constitui o principal risco existencial para a humanidade na era contemporânea. Mesmo que alguns cientistas já alertassem sobre o efeito das relações humanas na natureza desde pelos menos o século XVIII, é no final da década de 1980 que as discussões sobre aquecimento global se tornaram mais consolidadas. Contudo, apenas na virada para o século XXI a pauta ambiental passa efetivamente a ganhar destaque no âmbito político e econômico, visto que os sinais de extremos climáticos, a extinção de espécies, o aumento do nível do mar e as consequências para a agricultura se tornam fenômenos inegáveis.

Sendo assim, termos mais neutros ou relativamente vagos relacionados ao tema, como “mudança climática” ou “aquecimento global” passam a ser paulatinamente substituídos (não apenas em publicações especializadas, mas também na mídia e no senso-comum) por expressões mais contundentes que pretendem denotar a real urgência do problema: “crise climática”, “colapso ambiental” ou “emergência climática” (VINER, 2019, p. 98).

Essa multiplicidade semântica está essencialmente relacionada à aceitação do termo “Antropoceno” para nomear o período em que vivemos. Cunhado pelo biólogo Eugene F. Stoermer na década de 1980 e depois consolidado no ano 2000 com a publicação de um artigo coescrito com o químico Paul J. Crutzen, o Antropoceno nomeia um novo período geológico, posterior ao Holoceno, em que diversos aspectos do planeta são alterados em função das ações humanas. Dessa forma, entender que tipos de atividades são prejudiciais à Terra, quais os efeitos para o ambiente e a biodiversidade em geral e, especialmente, como reverter esse cenário, se tornam questões urgentes do Antropoceno.

Considerando o *antropos* que compõe o Antropoceno, i.e., o “humano”, é natural que as ciências ditas “humanas” tenham particular interesse nesse novo período geológico. Campos do saber como a filosofia, a sociologia e os estudos literários cada vez mais vêm se debruçando sobre as temáticas relativas ao Antropoceno, não apenas para investigar as possíveis razões antropogênicas (ou seja, causadas pelo ser humano)

da crise climática, mas também debater como a humanidade vai reagir a mudanças extremas e por vezes inesperadas no Sistema Terra.

Uma das consequências mais alarmantes da catástrofe ambiental é o fenômeno conhecido como migração climática. A Organização Internacional para Migração (IOM, na sigla em inglês) define migração climática da seguinte forma:

O movimento de pessoas ou grupos de pessoas que, predominantemente por razões de mudança repentina ou gradual no ambiente devido à mudança climática, são obrigadas a deixar seu local de residência habitual, ou escolhem por fazer isso, seja temporariamente ou permanentemente, dentro de um Estado ou cruzando uma fronteira internacional. (Glossary on Migration, 2019, p. 31, tradução nossa)¹

Entre acadêmicos, organizações sociais e meios de comunicação, os termos “migrantes climáticos” e “migrantes ambientais” são atualmente reconhecidos, portanto, para designar pessoas que se deslocam de suas comunidades originárias ou habituais devido a mudanças causadas por questões climáticas e/ou ambientais. Embora ainda haja um certo debate sobre a terminologia do fenômeno², acredita-se que sua existência hoje trata-se de fato incontestável.

De acordo com o Conselho da Noruega para Refugiados, os chamados “desastres naturais” foram responsáveis pelo “deslocamento forçado de 27,5 milhões de pessoas por ano, em média” (MARQUES, 2018, p. 369). O Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC, em inglês), registrou, apenas em 2018, o deslocamento de mais de 17 milhões de pessoas devido a catástrofes ambientais em 148 países (Global Report on Internal Displacement, 2019). Já o relatório da IOM/ONU revelou que “a cada ano, desde 2008, uma média de 25,3 milhões de pessoas foram deslocadas por desastres naturais” (World Migration Report, 2018, *apud* MARQUES, 2018, p. 369).

Por outro lado, é importante ressaltar que o fenômeno da migração climática é complexo. Sua existência não se dá exclusivamente por uma relação direta entre desastre ambiental e locomoção na contemporaneidade. Em primeiro lugar, a migração

¹ “The movement of a person or groups of persons who, predominantly for reasons of sudden or progressive change in the environment due to climate change, are obliged to leave their habitual place of residence, or choose to do so, either temporarily or permanently, within a State or across an international border.”

² Alguns pesquisadores ainda insistem no termo “refugiado do clima” (*climate refugee*), muito embora não exista no direito internacional essa categoria. Além disso, a palavra “refugiado” é geralmente empregada imbuída de um sentido nacionalista ou racial, com o intuito de reforçar a ideia de ameaça que esses indivíduos possam representar.

climática é melhor compreendida levando-se em conta o contexto histórico. Ao longo dos tempos, há diversos exemplos de movimentos de populações vinculados a mudanças ambientais, desde o declínio da civilização Maia no século IX em razão de secas e desmatamento (entre outros fatores) que levaram ao abandono de cidades, até a “Grande Fome” do século XIX na Irlanda, quando dois milhões de pessoas deixaram o país e um milhão morreu de inanição em função do tempo mais quente e úmido que devastou a agricultura local. Sendo assim, podemos dizer que o deslocamento em função de questões climáticas não é necessariamente um acontecimento recente. Por outro lado, os cientistas afirmam que hoje 1% da superfície terrestre apresenta condições de calor extremo para habitação. Em 2070, as estimativas são de que esse número suba para 19% (LUSTGARTEN, 2020). Com isso, há uma preocupação crescente de que o futuro possa apresentar uma quantidade extraordinária de pessoas em movimento, buscando oportunidades de sobrevivência mais toleráveis.

Além disso, as razões que impelem um grupo de pessoas a se realocar raramente estão relacionadas exclusivamente a condições climáticas. Como afirma Caroline Zickgraf, pesquisadora da relação entre migração e clima, a migração “sempre é uma combinação de fatores sociais, políticos, econômicos, ambientais e demográficos” (GOODFELLOW, 2020, tradução nossa)³. É importante ir além de um mero determinismo ambiental e compreender a vasta rede de sentidos na qual essas populações em deslocamento estão inseridas para não só interpretar seus motivos, mas também para poder auxiliá-las a construir vínculos em novas localidades. Nesse sentido, as condições socioeconômicas dos indivíduos são indissociáveis do agravamento da crise climática. Nithya Natarajan, pesquisadora do King’s College London, afirma:

A maioria das pessoas que são refugiados ou migrantes devido à mudança climática como ponto de inflexão é, para começar, pobre, e continuará pobre se solucionarmos a mudança climática. Esse é o meu problema com essa questão – isso não é apenas sobre mudança climática, é sobre o modelo de desenvolvimento global em seus países de origem. (GOODFELLOW, 2020, tradução nossa)⁴

³ “Migration [...] is always a combination of social, political, economic, environmental and demographic factors.”

⁴ “Most of the people who are refugees and migrants because of climate change being the tipping point were poor to begin with and will be poor if we solve climate change. That’s my problem with it – this isn’t just about climate change, it’s about the global development model in their home countries.”

Essa perspectiva socioeconômica, contudo, por vezes alimenta uma narrativa anti-migração, com o crescimento de uma retórica xenofóbica e racista nos países desenvolvidos – basta investigar a insistência do presidente estadunidense Donald Trump na construção de um muro separando os EUA do México e o fortalecimento da extrema-direita na Europa diante da crise de refugiados na década de 2010. Com isso, a pressão por soluções para a crise climática adquire, no mundo desenvolvido, uma ótica excludente, no sentido de que evitar o agravamento da questão ambiental também é evitar que as massas pobres e racializadas vindas das nações subdesenvolvidas migrem para os países ricos.

Diante desse cenário inquietante, a literatura vem tentando tematizar e questionar aspectos relacionados à migração climática. Especialmente a partir do final do século XX, o interesse de autores de ficção pela questão climática vem aumentando, levando à publicação de romances, contos e peças que tenham a crise climática como pano de fundo ou até mesmo como elemento narrativo central. Na literatura estadunidense, em particular, são diversos os autores que vieram a se debruçar sobre o tema em suas obras.

Chama especial atenção como a ficção científica se tornou o gênero literário mais fecundo para investigar a crise climática. Afinal de contas, esse gênero, desde suas origens, vem estabelecendo modos de narrar que evocam a centralidade da relação entre indivíduos e mudanças de ordem planetária. Na atualidade, o crescente número de romances sobre aquecimento global, Antropoceno, e catástrofe ambiental deu origem, por parte da crítica especializada, ao termo *cli-fi* (*climate fiction*, ou ficção climática) para designar esses tipos de narrativa. Diante de uma nova perspectiva para a concepção literária, a própria essência do romance se modifica, pois os conceitos que organizam a estrutura ficcional – o eu (*self*), a sociedade, a natureza, a cultura – são reconfigurados no Antropoceno. O crítico Adam Trexler resume bem a questão:

Quando o romance incorpora questões implicadas na mudança climática – modelos climáticos, geleiras, carros, esperança no futuro, o tempo – ele se torna impossível de ler sem a preocupação da mudança climática. Em um nível mais teórico, o romance é fundado na tensão entre fato e invenção, história e lugar, sociedade e interioridade, e prática de sobrevivência. Esses aspectos são integrais para a criação de sentido de um romance, e cada um deles está sendo radicalmente reordenado à medida que nos situamos no Antropoceno. [...] Podemos dizer sem exagero que causas subjacentes ao

Antropoceno alteraram o horizonte da atividade humana, assim como as capacidades do romance (Trexler, 2015, p. 15, tradução nossa).⁵

Dentre os romances *cli-fi* que abordam diretamente questões da crise ambiental, e especialmente as causas e efeitos da migração climática, dois apresentam profícuas oportunidades de investigação: *A Parábola do Semeador* (1993), de Octavia Butler, e *The New Wilderness* (2020), de Diane Cook. As duas obras apresentam um olhar crítico sobre o modelo desenvolvimentista ocidental e apresentam, por meio de suas protagonistas femininas, notáveis estratégias de sobrevivência e propostas de construção de novas sociabilidades em meio ao deslocamento forçado (ou não) diante de mudanças ambientais extremas.

O romance de Butler, apesar de publicado no início da década de 1990, exprime conceitos e técnicas narrativas que se tornariam essenciais na concepção de obras consideradas *cli-fi*. A história se passa entre os anos de 2024 e 2027 nos Estados Unidos, um país em profundo estado de desordem devido a desastres ambientais e acentuados problemas sociais. A protagonista, Lauren Olamina, é uma jovem de quinze anos que narra o romance em formato de diário. Ela mora em uma espécie de condomínio fechado, altamente protegido do violento e caótico mundo exterior, em Robledo, um subúrbio de Los Angeles. Quando o local é invadido por gangues e totalmente destruído, ela é forçada a abandonar a comunidade em que sempre havia vivido para partir em busca de um local seguro para sobreviver.

Já o romance de Diane Cook, lançado em 2020, destaca-se como uma das mais relevantes obras contemporâneas a consolidar o gênero *cli-fi*. O enredo concentra-se em Bea, uma mulher atormentada pela deterioração da saúde de sua filha de cinco anos, Agnes, causada pela péssima condição do ar na gigantesca metrópole em que vivem. A personagem decide então participar de um experimento: ao lado da filha e de seu companheiro, ela opta por partir para o *Wilderness State* (algo como “Região Selvagem”,

⁵ “When the novel incorporates things implicated in climate change – climate models, glaciers, cars, future hopes, weather – it becomes impossible to read without the preoccupation of climate change. At a more theoretical level, the novel, is founded on the tension between fact and invention, history and place, society and interiority, and the practice of making a living. These sites are integral to the meaning-making of a novel, and each of them is being radically reordered as we locate ourselves in the Anthropocene. [...] It can be said without exaggeration that the underlying causes of the Anthropocene have altered the horizon of human activity, as well as the capacities of the novel.”

em tradução livre), uma vasta área de proteção ambiental onde seres humanos sempre haviam sido proibidos. Nesse local, juntamente com outros participantes, Bea e Agnes têm de viver como caçadores-coletoras nômades, pois a condição para sua permanência é causar impacto mínimo no estado natural e na biodiversidade da região.

No presente artigo, investigaremos como os romances de Butler e Cook retratam a questão da migração climática em suas respectivas narrativas a partir de dois focos principais: primeiramente, investigar como a massiva locomoção de indivíduos diante do colapso ambiental está intrinsecamente ligada a uma noção desenvolvimentista voltada para o progresso econômico ilimitado; e, em segundo lugar, discutir como o movimento de populações pode ser lido à luz do movimento da história no Antropoceno, considerando novas configurações sociais e políticas.

“Luzes, progresso, crescimento”: migração climática e desenvolvimento ilimitado

O fenômeno da migração climática ocorre tendo como pano de fundo o período contemporâneo denominado Antropoceno, entendido como “o tempo geológico quando humanos têm um efeito duradouro e negativo sobre os sistemas do planeta” (BRAIDOTTI et al, 2018, p. 1, tradução nossa)⁶. Qual efeito deletério seria esse capaz de alterar o equilíbrio do planeta? Podemos citar três grandes consequências destrutivas: primeiramente, temos a emissão de gases do efeito estufa (dióxido de carbono, metano e óxido nitroso) na atmosfera em função da atividade humana (especialmente queima de combustível fóssil), o que ocasiona um aumento alarmante da temperatura. Em segundo lugar, a destruição de ecossistemas por ações antrópicas coloca em risco a biodiversidade do planeta, desde a extinção de espécies terrestres até o extermínio de grande parte da vida marinha devido à acidificação dos oceanos. Finalmente, as transformações nos ciclos biogeoquímicos da água (com construção de represas e alteração no curso dos rios), do nitrogênio (a emissão desmedida de óxido nitroso na atmosfera) e do fósforo (com nove milhões de toneladas de fosfato absorvidos nos oceanos) demonstram a potência devastadora das atividades humanas (BONNEUIL & FRESSOZ, 2016, p. 19).

⁶ “the geological time when humans are having a lasting and negative effect upon the planet’s systems.”

Essas mudanças cada vez mais aceleradas e nocivas impostas aos sistemas do planeta em muito são baseadas em uma noção de progresso herdeira do Iluminismo. Esse progresso é determinado por uma visão da história como uma flecha lançada para um futuro no qual a humanidade deveria viver plenamente, no auge de suas capacidades e oportunidades de realização. Essa visão de mundo pode ser caracterizada da seguinte forma:

Enquanto os mais radicais pensadores do Iluminismo defendiam apaixonadamente que os seres humanos não são criaturas de Deus mas simplesmente matéria organizada, eles não pararam de crer na possibilidade de criar um paraíso terreno por meio da razão e do progresso. (BLOM, 2019, p. 191, tradução nossa)⁷

Porém, a materialização desse “paraíso terreno” é fundada na divisão entre os conceitos de “natureza” e “cultura”. Enquanto o primeiro identifica as forças e elementos distintos e privados de humanidade, o segundo refere-se à sociedade, seus efeitos e sua criação de sentido por parte dos indivíduos. A partir desse paradigma iluminista, o que é humano está fora da natureza, e esta resume-se a um objeto passivo da cultura (DE GRAAUW & FIORE, 2018, p. 185).

Se entendermos, portanto, a ideia de progresso como o avanço da “cultura” sobre a “natureza”, é imprescindível considerarmos o papel exercido pela ciência e pela tecnologia. É por meio do conhecimento científico, do desenvolvimento tecnológico, da inovação e da descoberta de novas formas de explorar a natureza que a humanidade estaria mais próxima de alcançar o progresso. Porém, com a comprovação de evidências cada vez mais concretas das causas antropogênicas da crise climática e seu crescente agravamento, torna-se urgente discutir o quanto essa ideia de progresso parece estar inexoravelmente associada à devastação do planeta. Como afirma o antropólogo Alf Hornborg:

Os últimos duzentos anos vêm sendo representados como uma história de sucesso alavancada pelo objetivismo da ciência iluminista e de um progresso tecnológico sem precedentes [...] Não podemos negar que a ciência e a tecnologia nesses dois séculos fizeram ‘progresso’ no sentido de produzir cada vez mais precisas representações do ambiente não-humano, e de criar novos meios de torná-lo acessível a alguns segmentos da sociedade mundial. Mas se essa ‘história de sucesso’ levar ao colapso

⁷ “While the most radical Enlightenment thinkers argued passionately that human beings are not God’s creatures but simply organized matter, they did not stop believing in the possibility of creating an earthly paradise through reason and progress.”

da nossa civilização contemporânea, ou até mesmo à extinção da nossa espécie, é difícil pensar nessa como uma 'história de sucesso'. (HORNBORG, 2014, p. 1-2, tradução nossa)⁸

É nesse ponto de contato entre progresso e colapso que se localiza a história de *A Parábola do Semeador*. Vivendo em uma comunidade murada no subúrbio de Los Angeles, a protagonista Lauren Olamina percebe, à medida que amadurece, a crescente deterioração do mundo ao seu redor motivada por uma necessidade ilimitada de progresso. Porém, no estado caótico em que a sociedade se encontra, tal progresso torna-se impossível. Como afirma nostalgicamente a mãe de Lauren ao lembrar as coisas que não existem mais: “Luzes da cidade – diz ela. – Luzes, progresso, crescimento, todas as coisas que a temperatura e a pobreza não permitem nos preocuparmos” (BUTLER, 2018, p. 8). As temperaturas extremas, a ausência de chuva e o colapso ambiental em grande parte dos EUA levam ao declínio da sociedade em vários aspectos, fazendo com que algumas famílias, como a de Lauren, procurem refúgio em comunidades muradas e altamente protegidas do caos e da violência instalados no mundo exterior. Um bom exemplo da dinâmica social na Los Angeles de 2024 narrado por Lauren é uma simples ida à igreja:

Todos os adultos estavam armados. Essa é a regra. Saia em grupos e saia armado (...). Para os adultos, sair e ir a uma igreja de verdade era como voltar aos bons tempos quando existiam igrejas em todos os lugares, além de muitas luzes, e quando a gasolina servia para abastecer carros e caminhões, e não para atear fogo às coisas. Eles nunca perdem uma chance de lembrar os bons tempos de lembrar às crianças como vai ser incrível quando o país se reestruturar e os bons tempos voltarem. (BUTLER, 2018, p.10)

A violência e o caos não conseguem ser mantidos do lado de fora por muito tempo. A comunidade de Lauren é invadida por um uma gangue de piromaníacos que queima, destrói e mata grande parte dos moradores, levando Lauren e outros poucos sobreviventes a se deslocarem, encarando os perigos de tomar a estrada em busca de segurança e algum lugar para se estabelecerem.

⁸ “These two hundred years have been represented as a success story propelled by the objectivism of Enlightenment science and unprecedented technological progress (...) We cannot deny that science and technology in these two centuries have made ‘progress’ in the sense of producing increasingly precise representations of the non-human environment, and of making new means of manipulating it accessible to some segments of world society. But if this ‘success story’ should lead to the collapse of our contemporary civilization, or even to the extinction of our species, it is hardly appropriate to think of it as ‘success story’.”

Nota-se então em *A Parábola do Semeador* uma estrutura narrativa que denota um panorama que localiza a migração como um evento inserido em uma dinâmica multifacetada que alia desmedido crescimento econômico, crise ambiental e instabilidade social. O deslocamento forçado de Lauren é indissociável de um discurso desenvolvimentista baseado na exploração de meios naturais (vistos sempre como “recursos”), cuja razão final é sempre o lucro, em detrimento da preservação do equilíbrio dos sistemas geobiofísicos do planeta (“natureza”) e da estabilidade social (“cultura”). Como afirmou categoricamente o filósofo Bruno Latour, “migrações, explosão de desigualdades e Novo Regime Climático: trata-se da mesma ameaça” (LATOURE, 2020, p.13).

Tais desigualdades existem não apenas em uma perspectiva social em menor grau (em termos individuais ou comunitários), mas também planetária. Uma das principais evidências disso é que os maiores emissores de dióxido carbono no século XIX e XX são, respectivamente, Grã-Bretanha e Estados Unidos – o que leva alguns autores a preferir o termo Angloceno em vez de Antropoceno. Assim sendo, como afirmam os historiadores Christophe Bonneuil e Jean-Baptiste Fressoz,

A enorme parcela de responsabilidade pela mudança climática por parte das duas potências hegemônicas dos séculos dezenove (Grã-Bretanha) e século vinte (Estados Unidos) atesta a ligação fundamental entre mudança climática e projetos de dominação mundial. (BONNEUIL & FRESSOZ, 2016, p. 112, tradução nossa)⁹

Se por um lado a crise climática está fundada em parte nessa lógica imperialista, por outro lado há de se considerar um certo nível de modernização das sociedades e de democratização do consumo, o que levou à melhoria da qualidade de vida de grande parte da população mundial. Porém, como afirma o historiador Dipesh Chakrabarty, essa ideia de justiça social por meio do consumo tem um alto preço: “O resultado do crescimento do consumo humano tem sido uma quase completa apropriação humana da biosfera”. (CHAKRABARTY, 2015, p. 52, tradução nossa)¹⁰

⁹ “The overwhelming share of responsibility for climate change of the two hegemonic powers of nineteenth (Great Britain) and twentieth (United States) centuries attest to the fundamental link between climate change and projects of world domination.”

¹⁰ “The result of growing human consumption has been a near complete human appropriation of the biosphere.”

O romance *The New Wilderness*, de Diane Cook, expressa bem como essa apropriação da biosfera feita por seres humanos está fundada em uma noção de crescimento ilimitado. Nessa história, a protagonista Bea vê diariamente a piora do estado de saúde de sua jovem filha Agnes diante da terrível condição do ar no local em que vivem, simplesmente chamado de Cidade. Para salvar a vida de Agnes, ela decide tornar-se voluntária do Wilderness State, o último lugar da América do Norte onde a natureza ainda foi preservada. O local é dedicado a um experimento que procura investigar se humanos podem viver em meio à natureza sem destruí-la. Bea, Agnes e Glen (o companheiro de Bea) compõem o grupo de vinte voluntários denominado Comunidade, que vivem de forma nômade no Wilderness State e devem seguir uma série de regras de convivência sob risco de expulsão.

Nota-se aqui uma diferença entre a narrativa de *The New Wilderness* e a de *A Parábola do Semeador* no que concerne o início do processo migratório. Se no romance de Butler, a migração de Lauren é desencadeada pela invasão abrupta da comunidade em que morava, no livro de Cook a escolha feita por Bea de deixar a Cidade parte de um processo mais demorado de análise em que considera as trágicas consequências para sua filha caso decida permanecer onde está. Porém, ainda assim, o deslocamento das personagens dessas duas narrativas tem um causa comum: o colapso ambiental causado pela exploração excessiva dos meios naturais em busca de desenvolvimento.

A Cidade que Bea decide deixar para trás é dominada pela poluição e violência. O excesso populacional aliado à relação predatória com a natureza torna a condição de vida no local extremamente insalubre. A Cidade é descrita da seguinte forma:

A questão é que não havia mais nada para ela na Cidade. Escolas eram campos de treinamento para vagas que precisavam ser preenchidas. Os telhados não tinham caminhos, flores ou hortas. Eles tinham tanques de coleta de água, painéis solares, torres de energia e arame farpado para proteger tudo. Ninguém saía de casa a não ser que fosse de um prédio para outro. Algumas quadras do prédio deles havia uma árvore, gradeada para ninguém pudesse tocá-la. De alguma forma, ela ainda florescia a cada primavera e as pessoas vinham de todos os lugares para ver suas macias flores rosas [...] Era uma das dez árvores que restavam na Cidade. (COOK, 2020, p. 112-3, tradução nossa)¹¹

¹¹ “The problem was there was nothing for her in the City. Schools were training grounds for jobs that needed filling. Rooftops didn’t have paths, flowers, gardens of vegetables. They had water-collection tanks, solar grids, cell towers, and barbed wire to guard it all. No one was ever outside unless they were going from one building to another. A few blocks from their building was one tree, gated so no one could touch it. Somehow,

A Cidade era, portanto, o local onde a vivência humana estava decididamente separada de uma ideia de “natureza” (como as grades em torno da árvore deixam claro), em que os elementos naturais são vistos como “recurso” – de um ponto de vista desenvolvimentista – ou, para usar um termo mais técnico, “serviços ecossistêmicos – contribuições de um ecossistema que de algum modo servem ao ser humano ou podem ser utilizadas por ele” (NELLES & SERRER, 2020, p. 99).

Por outro lado, no Wilderness State, a Comunidade da qual Bea faz parte tem de seguir rígidas regras de convivência que denotam que sua permanência no local depende fortemente da imbricação entre “natureza” e “cultura”. Um exemplo disso é a orientação para que haja a menor geração de lixo possível. Outro exemplo é a proibição de construir qualquer estrutura humana por parte da Comunidade que possa perturbar a ordem natural da reserva. Contudo, a principal regra que os habitantes do Wilderness State precisam seguir é um constante estado de movimento. Ao não se fixarem em um lugar e viverem como caçadores-coletores, os indivíduos diminuem o impacto ambiental que podem causar ao ambiente (lixo, alteração no solo, uso contínuo de elementos naturais etc.) e assim realizam a possibilidade de um *continuum* “natureza-cultura”, como pretende o experimento, i.e., a natureza não é vista como mero pano de fundo onde a humanidade se desenvolve, mas parte integrante de um processo de sobrevivência. Todas as regras, em especial essa última, são fiscalizadas regularmente por guardas-florestais que protegem a reserva. Em uma inspeção de rotina, uma desses guardas repreende os membros da Comunidade por estarem em um mesmo lugar esperando um grupo de coletores:

“Vocês deveriam estar coletando alimentos juntos,” ele disse entre dentes cerrados, furiosamente escrevendo suas transgressões. “Vocês não deveriam estar esperando por ninguém. Vocês são nômades. Não existe um lugar onde vocês têm permissão de simplesmente esperar. Vocês devem, um, ficar juntos; dois, estar em movimento; e três, fazer coisas enquanto se movem.”¹² (COOK, 2020, p. 230, tradução nossa)

it still bloomed every spring and people came from all over to see its tissue-tender pink flowers [...] It was one of ten trees left in the City.

¹² “You should be gathering together,” he said through clenched teeth, furiously scribbling their trespasses. “You shouldn’t be waiting for anyone. You’re nomadic. There is nowhere you are allowed to just wait. You are supposed to one, stay together; two, keep moving; and three, do things as you move.

Nesse caso, *The New Wilderness* difere de *A Parábola do Semeador* em outro aspecto: a migração como um acontecimento com um fim definido. No romance de Butler, a protagonista Lauren deixa forçadamente Los Angeles e parte – cruzando matas e estradas em meio a muitos perigos – em busca de um local para se estabelecer e lá fundar pacificamente uma comunidade. Dessa forma, a migração é uma jornada que pressupõe um destino almejado que, quando encontrado, marca o fim do processo de deslocamento. Já em *The New Wilderness*, o deslocamento de Bea e sua família da Cidade para o Wilderness State – feito de forma organizada e relativamente segura – marca apenas o início do processo de migração, pois dentro da reserva eles permanecerão em um fluxo contínuo de movimento. Assim, sua condição de migrante é perene, pois não há um destino final que eles estejam buscando para formar uma comunidade – eles já são denominados Comunidade, e o fim da jornada é o início de uma trajetória nômade que precisam seguir quase que diariamente.

Por fim, ambos os romances propõem novas maneiras de interpretar o que se entende como progresso. Cada vez mais, surgem fortes evidências de que foram “processos de desapropriação e comodificação associados à lógica da expansão capitalista [...] [que] são as forças essenciais causadoras da virada geológica”. (BONNEUIL, 2015, p. 28, tradução nossa)¹³ Sob essa ótica, há autores que, em vez do termo Antropoceno, preferem chamar a nova era geológica de Capitaloceno para realçar a centralidade do capitalismo na crise climática (MOORE, 2015). O desafio é alterar o paradigma para que esse progresso não dependa exclusivamente do uso da natureza como mero recurso/patrimônio (dentro da ótica financeira) ou então não apele a conceitos chamados pela economista Geneviève Azam de “falsas alianças” e “oxímoros assassinos”, como “crescimento sustentável”, “crescimento verde” ou “capitalismo verde” (AZAM, 2020, p. 141). Acreditamos que os romances de Butler e Cook podem representar o que Latour chama de “retrogresso”: “Não seria impossível alcançar o progresso, mas seria o progresso ao contrário: isso significaria repensar a ideia de progresso, *retrogerdir*,

¹³ “processes of dispossession and commodification associated with the logic of capitalist expansion [...] [that] are essential causal forces of the geological turn.”

descobrir uma nova maneira de experimentar a passagem do tempo”. (LATOURE, 2017, p. 13, tradução nossa)¹⁴

Em *A Parábola do Semeador*, esse “retrogresso” está associado ao fim do processo migratório de Lauren e seu grupo, quando chegam a um terreno que pertencia à irmã do personagem Bankole, com quem a protagonista constrói uma relação mais íntima. Nesse novo lugar, ao mesmo tempo destino e destinação, eles precisam decidir que tipo de comunidade vai ser fundada ali. Há, desde o princípio, o objetivo de Lauren – vista como líder daquela gente – em fundar um corpo social reunido em torno de uma proposta religiosa chamada de Semente da Terra. Mas além disso, há também, de alguma forma, a preocupação em não replicar os erros que levaram à desagregação social e ambiental do lugar de onde foram forçados a sair. Decerto, se faz necessário algum grau de mudança naquele ambiente para a constituição de condições mínimas de sobrevivência. Como afirma Allie, personagem que se junta ao grupo de Lauren no decorrer da jornada: “Não pensei que eu fosse tola o suficiente para dizer isso, mas sim, vou ficar. Também quero construir algo. Nunca pude construir nada antes” (BUTLER, 2018, p. 280). Essa necessidade de “construir algo”, porém, não se vincula a um paradigma de lucro ou desenvolvimento, mas sim a um desejo de satisfação pessoal ao compor uma estrutura coletiva que não se funda na divisão entre natureza e cultura.

Lauren reforça esse ponto de vista quando afirma:

Não existem garantias em lugar nenhum [...] Mas se estivermos dispostos a trabalhar, nossas chances aqui são boas. Tenho algumas sementes em minha bolsa. Podemos comprar mais. O que temos que fazer neste momento é mais parecido com jardinagem do que com agricultura. Tudo terá que ser feito à mão: adubação, irrigação, a retirada de ervas daninhas, a coleta de minhocas, insetos ou qualquer outra coisa das plantações, e teremos que matá-los um a um se for preciso. Quanto à água, se nosso poço ainda tem água agora, em outubro, acho que não precisamos nos preocupar com a falta dela. (BUTLER, 2018, p. 279)

O ponto de vista de Lauren é de que apenas o trabalho em conjunto a partir de uma espécie de comunhão com a natureza será capaz de fazer com que o grupo não só seja bem-sucedido na criação de uma comunidade, mas também seja concebido a partir

¹⁴ “It would not be impossible to make progress, but it would be progress in reverse: this would mean rethinking the idea of progress, *retrogressing*, discovering a different way of experiencing the passage of time.”

de um modelo de referência que não vise ao progresso ilimitado – o que pode ser interpretado como o “retrocedir” de Latour. O que importa para os personagens, pelo menos naquele momento, é o fortalecimento de formas de sociabilidade que tornem viáveis a vivência no Antropoceno.

Se no romance de Butler essa noção de “retrogresso” ganha certo significado de conclusão para Lauren e seu grupo, em *The New Wilderness* tal concepção é vivida diariamente por Bea, Agnes e outros personagens. Eles estão literalmente vivendo “uma nova maneira de experimentar a passagem do tempo”, como afirmou Latour, no sentido de que o tempo, nesse romance, não funciona como uma flecha teleológica cujo alvo é o progresso (como no paradigma iluminista). O acúmulo de dias em que vivem no Wilderness State – no qual a migração é um estado contínuo, em vez de destino/destinação – é um eterno “retrogresso”.

Naturalmente, há uma diferença no comportamento dos personagens e na forma como eles se relacionam com o ambiente à sua volta à medida que a narrativa prossegue. Se no início eles se esforçavam para seguir rigorosamente as regras de convivência na reserva, isso vai mudando com o tempo, como evidencia a passagem a seguir:

No início, eles seguiam todas as regras do Manual, a regra escrita do Wilderness State, com medo de serem mandados de volta. Eles nunca acampavam no mesmo lugar duas vezes. Eles recolhiam todo o seu lixo, e até mesmo lixo que eles não imaginavam ser deles. Eles enterravam seus ossos [...] Por onde eles andavam, era difícil saber que vinte pessoas tinham passado ali. Eles não deixavam rastros [...] Mas isso foi apenas no início. (COOK, 2020, p. 53, tradução nossa)¹⁵

Com a passagem do tempo, eles passam a elaborar instrumentos para auxiliar nas atividades cotidianas (como costurar e caçar, por exemplo). Também passam a ser displicentes com relação às regras do *Wilderness State*, ficando mais tempo do que necessário em um mesmo lugar ou gerando uma quantidade não-aconselhável de lixo. Por outro lado, os membros da Comunidade passam a entender melhor o tempo da natureza, ajustando sua própria vivência a ele. Por exemplo, eles reconhecem o curso das estações do ano não por relógios ou calendários, “mas pelo que nascia dos ovos, o

¹⁵ “In the beginning, they followed all the rules in the Manual, the written rule of the Wilderness State, for fear they’d be sent home. They never camped in the same place twice. They picked up all their trash, and even trash they couldn’t imagine being theirs. They buried their bones [...] Where they walked, one would hardly know twenty people had passed through. They left no trace [...] But that was all in the beginning.”

que era pequeno, e quanto tempo levava para crescer” (COOK, 2020, p. 53, tradução nossa)¹⁶. Dessa forma, o progresso da Comunidade não é entendido como um estágio futuro da humanidade, mas em uma experiência que deve ser adquirida com o decorrer do tempo.

Assim sendo, vemos como os romances *A Parábola do Semeador* e *The New Wilderness* articulam o caráter desenvolvimentista da humanidade às origens da migração climática. Desencadeada por mudanças ambientais extremas, o deslocamento em larga escala de populações é resultado, em grande parte, do caráter exacerbado de um modelo econômico voltado para o uso indiscriminado de elementos naturais e para uma visão de progresso determinada essencialmente pelo desenvolvimento ilimitado.

“Interações perdidas na história”: migração climática, sociabilidades e história

Com o agravamento da crise climática e uma maior discussão sobre o assunto na mídia, no meio acadêmico e na sociedade como um todo, cada vez mais autores vêm se dedicando, em suas produções ficcionais, a explorar esta que é uma das questões-chave da contemporaneidade. Há algumas décadas, temas como o aquecimento global, o aumento do nível do mar e a extinção de espécies já fazem parte de obras (geralmente incluídas no gênero ficção científica) como pano de fundo para o desenrolar do drama humano central que move a narrativa. Porém, certos romances vão além dessa estrutura bipartida entre natureza e cultura para investigar as dimensões sociais, políticas e históricas da mudança climática. Os críticos Trexler e Johns-Putra contextualizam muito bem essa potencialidade da produção literária:

Muitos romances fazem mais do que empregar a mudança climática em termos de cenário; eles passam a explorar a relação entre mudança climática e a humanidade em termos sociais e psicológicos, observando como a mudança climática ocorre não apenas como uma crise meteorológica ou ecológica “do lado de lá”, mas como algo atravessado pelas novas vidas interiores e exteriores. Dessa forma, então, a mudança climática exige inovação autoral, requisitando enredos e caracterizações que participem da natureza global, interligada e controversa da mudança climática. (TREXLER & JOHNS-PUTRA, 2011, p. 196, tradução nossa)¹⁷

¹⁶ “by what hatched, what was small and how long it took to get bigger.”

¹⁷ “Many novels do more than employ climate change in terms of setting; they begin to explore the relationship between climate change and humanity in psychological and social terms, exploring how climate change occurs not just as a meteorological or ecological crisis “out there” but as something filtered through

Acreditamos que *A Parábola do Semeador* e *The New Wilderness* apresentam, de certa forma, essa “inovação autoral” mencionada por Trexler e Johns-Putra. Tematizando a questão da migração climática, ambos os romances investigam a articulação entre as consequências da crise climática e aspectos que compõem as redes de sociabilidade humanas. Essas obras, portanto, poderiam ser interpretadas sob a égide do campo de estudos conhecido como “eco-historicismo”, voltado para o entendimento de como o clima vem influenciando a cultura e a história humana – mas sem recorrer a um determinismo climático que divide civilizações em superiores e inferiores devido ao clima. (Trexler & Johns-Putra, 2011, p. 195) Dessa forma, como afirma Chakrabarty, a distinção entre uma história da natureza (história ambiental) e uma história da sociedade (história humana) encontra-se em colapso. (Chakrabarty, 2013, p. 10)

A narrativa de *A Parábola do Semeador* estrutura de forma bem-sucedida a relação entre catástrofe climática e caos social. O mundo sujo e violento da Los Angeles de 2024 é apresentado como uma manifestação humana em resposta ao crescente desarranjo climático: longos períodos sem chuva, ausência de água e temperaturas extremas. Aqueles que ainda pertencem a uma dita “classe média”, como a protagonista Lauren, se refugiam em comunidades muradas. Esses condomínios fechados podem ser lidos como uma tentativa de separar os campos da natureza e da cultura: o que está dentro e protegido é onde ainda se preserva o mínimo de civilidade e regramento social; o que está fora é o mundo selvagem onde não há leis.

Logo após a comunidade onde Lauren vive ser invadida e completamente arrasada pela população faminta e marginalizada além dos muros, a protagonista inicia sua migração, isto é, seu deslocamento forçado em busca de um lugar onde possa ter água, alimentos, segurança e condições mínimas de subsistência. Dessa forma, o processo migratório pode ser interpretado como o fenômeno que, de forma potente, faz com que a personagem vivencie as duras consequências do colapso da divisão entre natureza e cultura. À medida que caminha em direção a um refúgio possível, Lauren compreende melhor de que forma está inserida em um contexto em que o social e o

our inner and alter lives. In this way, then, climate change asks for authorial innovation, demanding plotlines and characterizations that participate in the global, networked, and controversial nature of climate change.”

natural são indissociáveis. Isso pode ser lido no romance a partir de duas questões que estão interligadas: desigualdade social e diversidade racial.

Lauren tem noção do privilégio social de que dispõe ao poder morar em uma comunidade murada. Ela sabe que não muito longe dali, do outro lado das grades que protegem sua família, “havia bairros tão pobres cujos muros eram feitos de pedras não cimentadas, pedaços de concreto e lixo. E também havia as áreas residenciais sem muros, lamentáveis [...] infestadas por bêbados ou drogados” (BUTLER, 2018, p. 11). Ao mesmo tempo, a personagem pressente que a situação é insustentável e que, em breve, os excluídos irromperiam em violência contra aquela escandalosa condição de desigualdade. A personagem reflete:

Ninguém poderia estar pronto para aquilo. Mas... achei que algo aconteceria algum dia. Não sabia se seria muito ruim, nem quando aconteceria. Mas tudo estava piorando: o clima, a economia, os crimes, as drogas, sabe como é. Não acreditava que poderíamos ficar sentados atrás de nosso muro, limpos, gordos e ricos em comparação aos famintos, sedentos, desabrigados, sem emprego e imundos do lado de fora. (BUTLER, 2018, p. 161)

É importante notar que, nessa passagem, Lauren descreve a piora na condição do bem-estar a partir de uma enumeração que alia o clima à economia e a crimes, ou seja, para ela não há como separar a crise climática de uma deterioração das estruturas sociais.

Durante o processo migratório que se inicia quando sai de Robledo até chegar à região do condado de Humboldt (entre os estados da Califórnia e Oregon), onde finalmente estabelece uma comunidade ao final do romance, Lauren também se depara com os efeitos das diferenças raciais entre aqueles com quem encontra na estrada. Primeiramente, ela é uma jovem negra, com um pai negro e madrasta de origem latina, inserida em uma sociedade em que relações interracialis não são bem vistas. Depois da destruição da comunidade de Robledo, ela começa sua caminhada acompanhada de outros dois sobreviventes: Zahra Moss (um ex-moradora de rua negra que foi resgatada por um homem adepto da poligamia) e Harry Balter (um jovem branco com uma visão ingênua do mundo). No decorrer da jornada, eles vão se juntar a outros dez personagens de diferentes etnias (negros, brancos, latinos) com quem vão chegar a Humboldt.

A relevante multiplicidade racial desse grupo de migrantes pode, de certa forma, levar à interpretação desse fenômeno migratório como uma espécie de diáspora. Se entendermos o conceito de diáspora como “o deslocamento de indivíduos, que se tornam refugiados, devido a eventos traumáticos que determinam uma inevitável condição de desenraizamento para essas pessoas” (REIS, 2004 *apud* GRECCA, 2021, p. 350, tradução nossa)¹⁸, vemos que a travessia de Lauren pode ser lida como um movimento diaspórico que associa fortemente as questões raciais às climáticas.

Considerando que o Antropoceno tem início com a Revolução Industrial e que esta só foi tornada possível devido aos processos de colonização e exploração das populações negras e nativas que exerciam o trabalho (forçado) de alteração do solo (por meio da agricultura ou da mineração), a diáspora de *A Parábola do Semeador* expressa uma nova forma por meio da qual as populações não-brancas criam sociabilidades em meio à crise climática. Analisando as relações entre raça e mudança climática, a pesquisadora Kathryn Yusoff afirma o seguinte:

Enquanto a negritude é a energia e o corpo do Antropoceno, ela é excluída de sua acumulação de riquezas. Pelo contrário, a negritude deve absorver seu excedente na forma de toxicidade, poluição e intensificação de tempestades. Repetidamente. (YUSSOF, 2018, p. 88, tradução nossa)¹⁹

Se os afrodescendentes (e também outras populações não-brancas) não têm acesso às supostas benesses do Antropoceno, o que a comunidade ao final do romance de Butler sinaliza é a possibilidade de construir outras formas de relações que não são ditadas meramente pela história da humanidade (voltada inexoravelmente para o progresso), mas por histórias da relação entre seres humanos e o ambiente, e assim inaugurar uma nova e mais harmônica ideia de história.

No caso de *The New Wilderness*, as relações entre a esfera climática e questões sociopolíticas também culminam na formação de uma comunidade. Contudo, diferentemente do romance de Butler, o grupo se consolida não por encontros

¹⁸ “the displacement of individuals, who become refugees, due to traumatic events that determine an inevitable uprooting condition for those people.”

¹⁹ “While Blackness is the energy and flesh of the Anthropocene, it is excluded from the wealth of its accumulation. Rather, Blackness must absorb the excess of that surplus as toxicity, pollution and intensification of storms. Again and again.”

contingenciais, mas pela oficialização de participantes em um experimento de cunho científico-social:

No começo, eram vinte. Oficialmente, esses vinte estavam no *Wilderness State* como parte de um experimento para verificar como as pessoas interagiam com a natureza, porque, com todas as terras agora sendo usadas para recursos – óleo, gás, minerais, água, madeira, comida – ou armazenamento – lixo, servidores, resíduos tóxicos – tais interações tinham se tornado perdidas na história. (COOK, 2020, p. 51, tradução nossa)²⁰

Portanto, se na Cidade a ação antrópica atingiu tal dimensão que todos os elementos naturais são vistos como recursos, a única maneira de indivíduos terem um contato fluido com o ambiente é a partir de uma situação especificamente projetada para que isso aconteça.

Porém, essa interação humanos/natureza, como intencionada pelos pesquisadores do *Wilderness State*, inaugura uma nova relação também entre as próprias pessoas ali presentes. Lançados em um local desconhecido e forçados a estabelecer estratégias de convivência com o meio como jamais haviam experimentado, esses participantes são compelidos a organizar-se socialmente de novas maneiras. O romance discute como a protagonista Bea interpreta essa questão:

Havia uma crença cultural, em uma época antes de ela nascer, de que ter vínculos estreitos com a natureza tornava as pessoas melhores. E quando eles chegaram na reserva pela primeira vez, eles imaginaram que morando ali eles se tornariam mais compreensivos, melhores, pessoas mais receptivas. Mas eles entenderam que tinha havido um grande mal-entendido sobre o que *melhor* significava. É possível que simplesmente significasse melhor em ser humano, e deixasse a definição da palavra *humano* a ser interpretada. (COOK, 2020, p. 35-6, tradução nossa, grifos originais)²¹

Assim, se o objetivo central do experimento é investigar de que forma ocorre a interação entre os indivíduos e a natureza, um outro efeito da vivência no *Wilderness State* é a própria reconfiguração do que significa ser humano.

²⁰ “In the beginning, there were twenty. Officially, there twenty were in the *Wilderness State* as part of an experiment to see how people interacted with nature, because, with all land now being used for resources – oil, gas, minerals, water, wood, food – or storage – trash, servers, toxic waste – such interactions had become lost to history.”

²¹ “There used to be a cultural belief, in an era before she was born, that having close ties to nature made on a better person. And when they first arrived in the *Wilderness*, they imagined living there might make them more sympathetic, better, more attuned people. But they came to understand there’d been a great misunderstanding about what *better* meant. It’s possible it simply meant better at being human, and left the definition of the word *human* up for interpretation.”

O principal fator que dita, limita e caracteriza as relações entre os participantes é o seu nomadismo. Como, de acordo com as regras da reserva, eles não podem ficar muito tempo em um mesmo lugar, sua condição é marcada por um interessante paradoxo: sua única constante é a mudança, a instabilidade. E se essa instabilidade diz respeito às condições físicas e materiais, ela também acaba por afetar os laços de sociabilidade entre os membros da Comunidade. Dessa forma, o papel de liderança do grupo é transitório e altamente tensionado, criando conflitos. As funções dentro da Comunidade (caçar, coletar alimentos, comunicar-se com os guardas da reserva) também variam.

Logo, os personagens do romance parecem escapar ao tradicional entendimento de migrantes climáticos como meras vítimas de catástrofes ambientais. Como a migração descrita na narrativa não se refere apenas à saída da Cidade para o Wilderness State mas também ao processo constante de deslocamento nômade, ela pode ser lida como estratégia de resistência a uma história da humanidade voltada exclusivamente para um futuro de progresso ilimitado. A partir do momento em que a própria natureza é entendida como dotada de história (considerando as mudanças climáticas), uma resposta possível é perceber que as ações humanas agora dependem das ações do ambiente, e não mais o contrário (como ditava a lógica iluminista). Como afirma o pesquisador François Gemenne,

A migração é geralmente uma *estratégia* de migrantes para lidar com as mudanças ambientais [...] Os migrantes devem ser percebidos não como vítimas sem recursos da mudança climática, mas sim como agentes engenhosos de sua própria adaptação. (GEMENNE, 2015, p. 170-1, tradução nossa)²²

A partir desse ponto de vista, podemos dizer que os habitantes da reserva, por mais que tenham deixado a Cidade por uma questão de autopreservação (ou, no caso de Bea, de sobrevivência da sua filha), aceitaram fazer parte da experiência do Wilderness State não na condição de vítimas incapazes, mas como sujeitos habilitados a se adaptar ao panorama histórico do Antropoceno.

²² “Migration was often a *strategy* used by migrants to deal with environmental changes (...) Migrants should be perceived not as resourceless victims of climate change, but rather as resourceful agents of their own adaptation.”

Em resumo, *A Parábola do Semeador* e *The New Wilderness* possibilitam leituras complexas sobre o fenômeno da migração climática. Mesmo tendo sido publicados com uma diferença de quase trinta anos, ambos os romances apresentam maneiras arrojadas de representar o *continuum* natureza-cultura, examinar os efeitos das ações antrópicas no Sistema Terra e, especialmente, articular o deslocamento causado pelos impactos da crise climática a estruturas sociais e políticas.

Referências

AZAM, Geneviève. *Carta à Terra: E a Terra responde*. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

BLOM, Philipp. A climate of change. *Lapham's Quarterly*, vol. XII, n. 4, p. 191, 2019.

BONNEUIL, Christophe. The Geological Turn - Narratives of the Anthropocene. In: HAMILTON, et al. *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. New York: Routledge, 2015. p. 15-31.

BONNEUIL, Christophe & FRESSOZ, Jean-Baptiste. *The Shock of the Anthropocene*. London: Verso, 2016.

BRAIDOTTI, Rosi et al. *Posthuman Glossary*. London: Bloomsbury, 2018.

BUTLER, Octavia E. *A Parábola do Semeador*. São Paulo: Morro Branco, 2018.

CHAKRABARTY, Dipesh. O Clima da História: Quatro Teses. *Sopro*, n. 91, p. 4-22, 2013.

CHAKRABARTY, Dipesh. The Anthropocene and the Convergence of Histories. In: HAMILTON, et al. *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. New York: Routledge, 2015. p. 44-56.

COOK, Diane. *The New Wilderness*. New York: Harper Collins, 2020.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. The Anthropocene. *IGBP* newsletter, n. 41, p. 17-18, 2000.

DE GRAAUW, Tobijn & FIORE, Elisa. Green/Environmental humanities. In: BRAIDOTTI, R & HLAVAJOVA, M. *Posthuman Glossary*. London: Bloomsbury, 2018. p.184-187.

GEMENNE, François. The Anthropocene and its victims. In: HAMILTON, et al. *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. New York: Routledge, 2015. p. 168-174.

GLOBAL REPORT ON INTERNAL DISPLACEMENT. *The Internal Displacement Monitoring Centre*. 2019. Disponível em: <<https://www.internal-displacement.org/sites/default/files/publications/documents/2019-IDMC-GRID.pdf>> Acesso em: 13 de jan. de 2021.

GLOSSARY on Migration. *International Organization for Migration*. 2019. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml_34_glossary.pdf> Acesso em: 13 de jan. de 2021.

GOODFELLOW, Maya. How helpful is the term climate refugee?. 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/aug/31/how-helpful-is-the-term-climate-refugee>> Acesso em: 14 de jan. de 2021.

GRECCA, Gabriela B. 'A racist challenge might force us apart': divergence, reliance and empathy in *Parable of the Sower*, by Octavia Butler. *Ilha do Desterro*, v. 74, n. 1, p. 347-362, 2021.

HORNBORG, Alf. Does the Anthropocene Really Imply the End of Culture/Nature and Subject/Object Distinctions?. 2014. Disponível em: <<https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/alf-hornborg-does-the-anthropocene-really-imply-the-end-of-culture-nature-and-subject-object-distinctions.pdf>> Acesso em: 20 de jan. de 2021.

LATOUR, Bruno. *Facing Gaia*. Cambridge: Polity Press, 2017.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUSTGARTEN, Abraham. The Great Climate Migration. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2020/07/23/magazine/climate-migration.html>> Acesso em: 14 de jan. de 2021.

MARQUES, Luis. *Capitalismo e Colapso Ambiental*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

MOORE, Jason. *Capitalism in the Web of Life*. London: Verso, 2015.

NELLES, David & SERRER, Christian. *Mudança Climática: Os Fatos Como Você Nunca Viu Antes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

TREXLER, Adam. *Anthropocene Fictions*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015.

TREXLER, Adam. & JOHNS-PUTRA, Adeline. Climate change in literature and literary criticism. *Wiley interdisciplinary reviews climate change*, v. 2, p. 185-200, 2011.

VINER, Katharine. Barometer Reading. *Lapham's Quarterly*, v. XII, n. 4, p. 98, 2019.

Recebido em: 09/02/2021
Aprovado em: 24/03/2021